
A ARQUEOLOGIA E OS NOVOS

PARADIGMAS BÍBLICOS*

José Ademar Kaefffer**

Resumo: no passado a arqueologia contribuiu consideravelmente para que paradigmas bíblicos estabelecidos sobre a história de Israel fossem revistos e reinterpretados, o que incidiu fortemente na pesquisa literária. Exemplos a citar é a tradição dos patriarcas e a conquista de Canaã. Nas últimas décadas o estudo do Primeiro Testamento vem passando por novas e grandes reviravoltas, como o caso da Monarquia Unida sob os reinados de Davi e Salomão. A quebra desses paradigmas leva a outras interrogações, típico da pesquisa bíblica: soluciona uma questão e abre a porta para outras. Estas questões são: se não existiu a conquista, como entender a tradição do Êxodo? É ela oriunda de Israel Norte (nossa proposta)? O que dizer então da caminhada pelo deserto, é ela uma tradição independente (nossa proposta)? Mas, como ela se formou? Se não existiu a Monarquia Unida, quem ocupou o vácuo histórico deixado por ela? Devemos avançar a cronologia do reinado de Saul (nossa proposta)? O que dizer do vazio arqueológico de Jerusalém no período persa e de sua incidência sobre a pesquisa bíblica? Todas essas perguntas e suas prováveis respostas têm a ver com as novas datações que estão sendo estabelecidas a partir, principalmente, das pesquisas arqueológicas em Meguido e coordenadas por Israel Finkelstein. Têm a ver também com as conclusões de que a escrita em Israel e Judá teve um desenvolvimento tardio, conclusões orientadas principalmente a partir dos escritos encontrados em Kuntillet Ajrud e Deir Alla. E, por último, o novo e grande paradigma: a descoberta da grandeza de Israel Norte como contrapartida ao arrefecimento de Judá.

Palavras-chave: *Bíblia. História. Arqueologia. Paradigma. Datação.*

* Recebido em: 31.10.2015. Aprovado em: 08.12.2015.

** Doutor em Sagrada Escritura pela Universidade de Münster, Alemanha. Professor de Antigo Testamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: jademarkaefer@gmail.com

Faz parte de todo estudo a construção de novas teorias, novas hipóteses que de tempo em tempo vão revolucionando a compreensão dos campos pesquisados. O estudo bíblico não está isento disso. Com o auxílio da arqueologia, a partir já do final século XIX, e do Método Histórico Crítico, a partir do século XX, o estudo literário da Bíblia vem desconstruindo e reconstruindo teorias sobre a história de Israel. Talvez a mais impactante tenha sido a teoria da conquista da terra prometida, contada principalmente no livro de Josué. Isto é, nenhum estudo sério hoje em dia aceita que Israel seja uma espécie de nação extraterrestre que se instalou em Canaã vindo de fora. Pelo contrário, o Israel bíblico é essencialmente cananeu.

Ultimamente a teoria que vem sofrendo forte revés, com os estudos principalmente de Israel Finkelstein, Neil Asher Silberman e Amihai Mazar (*The Bible Unearthed*, 2002; *The Quest for the Historical Israel*, 2005; *David and Salomon*, 2007; *The Forgotten Kingdom*, 2013), é o da Monarquia Unida. Nas duas últimas décadas esse debate tem produzido uma enxurrada de artigos, uns contra e outros prol. No princípio a esmagadora maioria dos escritos versava em defesa da Monarquia Unida. Contudo, diante de provas arqueológicas e literárias cada vez mais contundentes essa tendência vem se invertendo.

Resumidamente, e a partir do ponto de vista da arqueologia, a questão se deu da seguinte maneira. Na fase de ouro da arqueologia em Israel, entre os anos de 1940-1980, houve uma busca incessante por sinais do reinado de Davi e Salomão. Jerusalém foi amplamente escavada em busca desses sinais, principalmente do palácio, do templo e das fortificações da cidade. Mas, o que se encontrou foi nada mais que uma pequena cidade, sem fortificações, que mais se parecia a uma aldeia, fora dos atuais muros da cidade antiga. Essa era a cidade de Davi, que hoje está aberta à visita turística.

Diante do fracasso, os arqueólogos foram buscar sinais do reino de Salomão fora de Jerusalém. Orientando-se em 1Rs 9,15, que diz que, além do templo, palácio, melo e muro de Jerusalém, Salomão construiu também Hazor, Meguido e Gezer, os arqueólogos se dirigiram a esses sítios. E tiveram sorte, pois nas décadas de 1960 e 1970 o famoso arqueólogo Yigael Yadin escavou Meguido e encontrou uma cidade da época do Ferro I com grandes fortificações, que ele, sem titubear, atribuiu ao rei Salomão. O mesmo sucedeu com Hazor e Gezer, onde também foram escavadas duas cidades fortificadas do mesmo período. O grande fundamento da teoria de Yadin ficava por conta de um portão de seis câmaras, uma engenharia única na região, que foi encontrado nas cidades dos três sítios. Portanto, a obra e o domínio de Salomão estava evidente, confirmando o que diz 1Rs 9,15.

Porém, a partir do fim dos anos 1980, uma nova geração de arqueólogos, entre eles Israel Finkelstein e Norman Franklin, com novas técnicas e com o uso do ra-

diocarbono na análise de amostras, começou a questionar estas certezas. Em base, principalmente nas escavações feitas em Samaria, Finkelstein atribuiu as cidades do ferro I de Meguido, Hazor e Gezer, com os seus portões de seis câmaras, ao rei israelita Acab (873-852). Essa conclusão fez surgir um caloroso debate com grupos contrários, que está longe de terminar.

Uma guinada a favor da teoria de Finkelstein foi a escavação do Tel Jezreel, feita por David Ussishkin e J. Woodhead na década de 1990 (USSISHKIN; WOODHEAD, 1992, p. 3-56).¹ Ali também foram encontrados o muro de casamata e o portão de seis câmaras², como os de Meguido, Hazor e Gezer. Como todos pertenciam ao mesmo estrato, ou se transferia as fortificações da Jezreel para o período do reinado de Salomão, o que iria contestar as afirmações bíblicas (1Rs 18,45-46; 21; 2Rs 8-10) e contradizer o princípio da teoria dos defensores da Monarquia Unida, que utilizam a Bíblia para os seus fundamentos teóricos, ou se mudaria a data das fortificações de Meguido, Hazor e Gezer para a mesma de Jezreel, entre os anos 884-840. Uma vez que não havia dúvida de que Jezreel fora construída pela dinastia omrida e destruída por Hazael, rei de Damasco, não havia como negar que tais obras pertenciam a Acab. Ou seja, de que a primeira monarquia desenvolvida em Israel foi estabelecida pela dinastia omrida e não por Salomão.

ISRAEL NORTE

Com o sucintamente exposto acima se quer afirmar que através da arqueologia se chegou à conclusão de que o primeiro grande reino não foi Judá, mas Israel. Judá somente começa a se desenvolver depois da queda da Samaria, em 720 a. C. Esse desenvolvimento começou com a dinastia omrida e é comprovado por informações extrabíblicas, como o monólito negro de Salmanassar III, encontrado no sítio arqueológico de Nimrud, em 1840, e a estela de Mesa, encontrada em Dibon, em 1868. O monólito de Salmanassar fala da força militar que Israel possuía, com o rei Acab, na coalizão anti-Assíria. No relato da estela de Mesa, que conta as vitórias que o rei moabita obteve sobre Israel, é possível perceber até onde chegou a expansão israelita na Transjordânia no tempo da dinastia omrida.

Com a morte de Acab, os seus sucessores, Ocosias (852-851) e Jorão (851-842), não conseguiram frear o avanço arameu do rei Hazael, e Israel foi perdendo seus territórios até ficar reduzido à capital Samaria. Esse fato é perceptível numa leitura atenta nas entrelinhas da narrativa de 2Reis, mas também foi confirmado pela estela de Dã, encontrada no sítio arqueológico do mesmo nome em 1993 e 1994. Israel só volta a recuperar seus territórios com Jeroboão II (788-747), que com o apoio da Assíria, que havia suplantado o domínio arameu,

se expande como em nenhum momento até então (2Rs 14,23-29). O poderio econômico e a expansão de Israel durante o reinado de Jeroboão II é comprovado pelos ôstracos de Samaria, encontrados em 1910, que registram o bem organizado sistema de cobrança de tributos vigente no período de Jeroboão II. Outra prova do poderio desse monarca é o selo encontrado em 1904 em Meguido e que pertencia a um alto funcionário de Jeroboão II. E, por último, os escritos encontrados em Kuntillet 'Ajrud, dos quais um deles diz: "...o R(ei) diz: diga... que você seja abençoado por YHWH da Samaria e sua ASHERAH" (MESHEL, 1993, p. 208), e que foram datados com bastante segurança no tempo do reinado de Jeroboão II. Ou seja, Kuntillet 'Ajrud é testemunha de que o domínio de Jeroboão II alcançou até os extremos do deserto do Sinai.

Depois de Jeroboão II, Israel entra em declínio, ao que parece por disputas internas, até ser invadido pela Assíria, ter sua capital tomada e seu povo deportado em 720 a. C.. É só então que Judá, com sua capital Jerusalém, começa a se desenvolver e a criar status de estado. Isso foi possível porque, com o fim do inimigo do norte, Israel, ficou um vácuo de poder na região; grande parte da população do norte migrou para o sul, fugindo da guerra e da deportação, e passou a ocupar e a desenvolver tanto Jerusalém, quanto áreas agrícolas do interior de Judá. O aumento da produção agrícola ajudou Judá a se integrar na rede internacional do comércio, o que gerou um grande incremento na economia do país.

Portanto, diante desses fatos é preciso começar inverter a leitura da história de Israel, que sempre foi vista a partir de Judá. Agora é preciso olhar a história a partir de Israel Norte, que é colocado em segundo plano ou visto como um reino desvirtuado pelo redator deuteronomista, e assim também interpretado pela maioria dos pesquisadores. Agora se sabe que foi lá que tudo começou. O que Judá fez foi assimilar boa parte da cultura e história do norte e a apresentá-la ao mundo como sua, e foi assim como ela tem sido lida.

DATAÇÃO

O fator que iniciou toda a revolução da arqueologia na compreensão da história de Israel são as novas datações que estão sendo estabelecidas com o auxílio de várias ciências, como a física, a biologia e a matemática em vários sítios arqueológicos do Levante, mas, principalmente em Meguido, coordenadas por Israel Finkelstein. Esse arqueólogo fez de Meguido uma espécie de laboratório para datar com maior precisão os períodos históricos das eras do Bronze e do Ferro. Amihai Mazar, num encontro particular em 2014, afirmou que nos últimos 25 anos muita coisa mudou na arqueologia. A maior delas, provavelmente, seja a datação dos períodos históricos. Esse avanço se deve principalmente à introdução do uso do radiocarbono na análise de amostras. Há 25 anos se utilizava

como referência a cronologia egípcia e assíria, e hoje se estabelece a datação a partir da análise de amostras em laboratório pelo radiocarbono.

Para aprimorar os resultados do estudo das datações, Finkelstein e sua equipe abandonaram o estudo integral das camadas e se concentraram somente nos períodos da Era do Bronze e do Ferro. Outro avanço foi diminuir o espaço cronológico dos períodos estudados. O normal na análise de amostras na arqueologia é contar a cada duzentos anos, Finkelstein e sua equipe, no intuito de alcançar maior precisão, tomaram amostras de cada 25 anos. Isso permitiu diminuir o risco de erro em se atribuir a um rei aquilo que pertencia a outro. Foi o que aconteceu no caso da atribuição das obras do rei Acab ao rei Salomão, mencionadas acima.

A título de exemplo, uma questão que sempre instigou os estudiosos da área é referente à causa que levou ao colapso econômico e social de todo o Levante no final da Era do Bronze. Para Israel Finkelstein, que coordenou o projeto “Expedição Meguido”, financiado pela comunidade comum europeia (2009-2014), a causa do colapso foi a grave mudança climática que ocorreu no final da Era do Bronze Tardio. Conforme Finkelstein (KAEFER, 2016, p. 82), a análise com novos métodos de polens extraídos do fundo do Mar Morto e do Mar da Galileia, que permitem uma melhor resolução das amostras, e consequente datação, é possível vislumbrar as causas que levaram ao colapso da Era do Bronze Tardio. Esse colapso é bem visível nas escavações de vários sítios, que por volta de 1300/1200 a. C., registram um completo abandono. Ou seja, cidades, vilas, aldeias aparecem abandonadas de uma hora para outra. Como diz Finkelstein, “você tem sinais de constante presença humana na região e, de repente, você tem um período de cem ou duzentos anos em que não se encontra absolutamente nada” (KAEFER, 2016, p. 83).

As pesquisas revelaram que houve um longo período de frio no norte do Levante e uma diminuição das chuvas no sul e no oriente. Essa mudança climática teve efeitos catastróficos em todo Levante, pois resultou na diminuição da produção de alimentos agrícolas e da cultura de gado pequeno, como ovelhas e cabritos. A diminuição da oferta resultou na diminuição do comércio, levando ao colapso econômico. O colapso econômico levou ao caos social por disputa de comida e a decorrente guerra fratricida. As maiores vítimas, evidentemente, foram os grupos mais vulneráveis, como comunidades nômades que não acumulam para tempos de crise.

Iniciam-se, então, as grandes correntes migratórias em busca de melhores terras para a sobrevivência e o consequente despovoamento de cidades e aldeias. Reinos inteiros desaparecem. O norte vai em busca de clima mais ameno e o sul e o leste por terras produtivas. É assim que aos poucos as montanhas centrais do Levante, onde a chuva é mais constante, começam a ser ocupadas. De início

timidamente, com uma arquitetura bastante rudimentar, inferior à do final da Era do Bronze. É o início de uma nova era a Era do Ferro I. Com o tempo, os ocupantes das montanhas vão novamente descendo às planícies, onde a precipitação da chuva parece querer voltar aos tempos de outrora. Assim, a planície volta a ser habitada. A produção agrícola cresce, renasce o comércio e voltam os reinos: Primeiro os arameus na Síria, depois o hebreus em Israel/Jezreel, e um pouco mais tarde os hebreus de Judá, e por último, os amonitas e moabitas na Transjordânia.

A ESCRITA EM ISRAEL E AS CONTRIBUIÇÕES DE KUNTILLET 'AJRUD E DEIR ALLA

No passado se tinha quase plena certeza de que a compilação da Bíblia em Israel começou durante os reinados de Davi e Salomão, no século X a. C., produção conhecida como fonte Javista (J). Porém, a arqueologia não tem encontrado nenhuma evidência de que para essa época já houvesse uma atividade literária em Israel Norte, menos ainda em Judá. Portanto, é praticamente impossível pensar em compilação de textos bíblicos para esse já nesse tempo. Pode-se, inclusive, ir mais além, não há comprovação para tais evidências pelo menos não antes do final do século IX a. C.

O marco com certa segurança que se tem hoje como referência para o início da atividade literária comparável ao da Bíblia em Israel são os achados de Kuntillet 'Ajrud e Deir Alla. Kuntillet 'Ajrud fica no noroeste da península do Sinai, a 50 km de Cades Barnea, junto à rota que leva de Elat à Gaza. Ali foram encontrados vários fragmentos de cerâmica com inscrições e desenhos complexos, que foram fixados com bastante precisão na primeira metade do século VIII a. C. (800-750), período em que Jeroboão II (788-747) reinava em Israel Norte e certamente também sobre Judá. Pela referência à Samaria, capital de Israel Norte, nesses escritos, é praticamente certo que era Jeroboão II quem reinava também sobre Kuntillet 'Ajrud.

Deir Alla é um importante sítio arqueológico na Jordânia, onde foram encontrados vários textos escritos com tinta numa parede de cal. A cal com a escrita se desprende da parede e se espalhou pelo chão, o que tornou muito difícil a sua reconstituição. Descobriu-se, no entanto, que os textos fazem referência a um profeta de nome Balaão, que tem tudo a ver com o Balaão mencionado em Nm 22-24. Os escritos constam ser por volta dos anos 800-760 a. C., o que revela, além da antiguidade dos textos, a influência que a profecia israelita sofreu dos povos vizinhos.

A evidência desses escritos mostra uma atividade bastante desenvolvida, já na primeira metade do século VIII a. C., que pode ser comparada à atividade compilatória

da Bíblia. Ou seja, quem produziu esses textos complexos também poderia ter produzido textos semelhantes aos da Bíblia.

SAUL

Outra mudança que as novas datações estabelecem é em relação a Saul. Tradicionalmente o reinado de Saul, se é que ele existiu, é situado nos anos 1030-1010 ou conforme outros pesquisadores, nos anos 1025-1005. A única base para essa localização cronológica são os dados fornecidos pela Bíblia (1Sm 13,1; 2Sm 5,4; 1Rs 11,42), que dada à sua composição tardia, devem ser questionados. Contudo, a arqueologia tem descoberto ruínas de pequenas cidades no Planalto Central de Israel Norte, como Gibeon e Betel, e de Gilead, a área junto ao rio Jabok, na Transjordânia. A destruição destas cidades coincide com a lista de cidades destruídas pela campanha do Faraó Sheshong I (945-925) (1Rs 14,25), registrada no templo de Amon em Karnak, no Egito. A pergunta é: quem reinava sobre essas cidades do Planalto Central antes de serem destruídas por Sheshong. Uma vez que não foram Davi e Salomão, uma hipótese possível é que tenha sido Saul (FINKELSTEIN, 2006, p.171-87). Por que Sheshong teve a necessidade de destruí-las? Porque estavam ameaçando tomar a planície, que era a grande área de produção agrícola e dominada e controlada pelo Egito.

Em 2007 a 2008 foi escavado um sítio arqueológico conhecido por Khirbet Keiyafa, em Judá, a 30 km a sudoeste de Jerusalém, que parece dar suporte a esta hipótese. Inicialmente as ruínas desse sítio foram situadas como pertencente aos anos 1050-970 (GARFINKEL; GANOR, 2009). Porém, com maior precisão, Israel Finkelstein e E. Piasezky situaram as ruínas nos anos 1050-915 (FINKELSTEIN; PIASETZKY, 2010, p. 84-8). Isto é, a cidade foi ocupada e construída no século XI e destruída na segunda metade do século X e não mais reconstruída.

Para Garfinkel e Ganor, dada a proximidade com Jerusalém, a cidade pertencia ao domínio de Davi. Para Israel Finkelstein, dada à semelhança com as cidades destruídas pela campanha de Sheshong I no planalto central de Israel Norte, como Gabaon e Betel, e a diferença com as cidades-estados filisteias, Khirbet Qeiyafa era um posto avançado do reino de Saul, e que servia de controle no conflito com os filisteus, que tinham seu centro em Gat e Ekron. Assim como as cidades do norte, também Khirbet Qeiyafa teria sido destruída pela campanha do faraó Sheshong I, ainda que o nome da cidade não conste na lista das cidades conquistadas pelo faraó no templo de Amon em Karnak (FINKELSTEIN, 2010, p. 81). Esta hipótese é interessante e tem boa razão de ser. Pois, em Khirbet Qeiyafa foram encontrados dois escritos, cuja composição e tradução são bem complexas, mas que parecem confirmar a ideia de Finkelstein. O primeiro é

um ôstraco, difícil de decifrar, mas que parece fazer referência ao rei Saul. O segundo é um escrito de uma linha e que foi cravado na superfície de um grande jarro de cerâmica antes de ser queimado. Diferentemente do ôstraco, esse escrito é bastante claro e foi composto da direita para a esquerda. Algumas letras são desconhecidas, mas três palavras são bastante claras e se referem a um nome: “Isbaal filho de Beda”, motivo pelo qual é denominado de “a inscrição de Isbaal” (GARFINKEL, 2015, p. 217-233).

O nome Isbaal é bem conhecido na Bíblia. Isbaal (homem de Baal) é o filho de Saul (2Sm 2,8-11; 1Cr 8,33; 9,39), cujo nome foi mudado pelo redator deuteronomista de Jerusalém para Isboshet (homem da vergonha). A mudança do nome deve ter sido motivada pela inimizade e poderio que Isbaal representava. Curiosamente, conforme 2Sm 2,8-11, enquanto Davi era ungido rei em Hebron sobre a casa de Judá (2Sm 2,1-4), “Isbaal é constituído rei sobre Gilead, Aser, Jezreel, Efraim, Benjamin e sobre todo o Israel”, cidades que condizem com os sítios escavados no Planalto Central e na região de Gilead. Diz o texto bíblico que Isbaal reinou dois anos sobre Israel. Ou seja, o redator deuteronomista guardou, contra a sua vontade, a memória do curto reinado de Isbaal, filho de Saul, que parece ser confirmado pelo escrito de Khirbet Qeiyafa.

Enfim, se atribuímos as ruínas de Khirbet Qeiyafa e das cidades do Planalto Central destruídas por Sheshong I, ao domínio do reino de Saul e de seu filho Isbaal, então temos que a reaver a cronologia do período histórico do reinado de Saul. A partir dos resultados das pesquisas atuais teríamos que situar o reino de Saul para quase um século mais tarde, isto é, para a segunda metade do século X, entre os anos 950 e 920.

O ÊXODO COMO TRADIÇÃO DE ISRAEL NORTE³

Uma quinta questão que queremos abordar, ainda que brevemente, é em relação ao Êxodo. Se não existiu a conquista de Canaã e Israel é essencialmente de origem cananea, como explicar o Êxodo, que paralelo à tradição de Jacó⁴ é tido como tradição fundante de Israel?

Se Israel não veio de fora, então é bem possível que a tradição do Êxodo também seja resultado de uma experiência interna. Uma experiência, conforme evidência dos relatos bíblicos, de resistência contra o domínio egípcio. A última presença imperial egípcia em Canaã se deu com o faraó Sheshong I. E, como sugerido acima, se foi Sheshong quem destruiu o iniciante reino de Saul, então é possível que a tradição do Êxodo tenha surgido nesse período contra a ocupação egípcia.⁵ Talvez a batalha narrada em 1Sm 28-31, onde Saul e seus filhos perderam a vida, e tida como fim do reino de Saul, seja memória dessa luta. É possível que os filisteus estivessem a serviço do exército de Sheshong

(FINKESLSTEIN, 2013, p. 146) e que a memória teria guardado somente os filisteus como os adversários. Enfim, é nesse contexto de luta contra a invasão egípcia de Sheshong I que a tradição do Êxodo deve ter surgido e preservada e promovida em Tera e mais tarde na grande capital Samaria.

A ocupação egípcia não durou muito tempo, provavelmente por problemas internos. Com a retirada egípcia renasce o reinado de Israel, que, por não ter um concorrente direto na região, se desenvolve rapidamente até se tornar, com a ascensão da dinastia omrida (884-842), um poder temido em todo Levante.

O VAZIO ARQUEOLÓGICO DO PERÍODO PERSA

O sexto e último referencial bíblico que está sendo questionado pela arqueologia é referente à grande produção literária no período persa. Mesmo quando se começou o estudo mais sério e mais intenso da Bíblia, no final do século XIX e princípio do século XX, com estudos como os de Julius Wellhausen (1844-1928), entre outros, sobre a Hipótese Documentária, ainda se lia os textos como sendo produto da época cronológica a que se referiam. Mais tarde, um pouco antes de meados do século XX, a teoria das fontes começou a reger o estudo bíblico, principalmente do Pentateuco. O grande foco era, então, o período dos reinados de Davi e Salomão (1010-930), quando se teria iniciado uma intensa atividade literária em Judá. Pouca importância se dava ao período persa (538-333), considerado, então, como o período vazio, no que tange à produção literária. A partir da década de 1970/1980 a teoria das fontes foi perdendo consistência, e o estudo bíblico literário começou a se concentrar no período pós-exílico, especificamente durante o domínio persa, como sendo o período mais fértil da produção literária em Judá, não só dos Escritos, mas também do Pentateuco e dos Profetas. Essa tendência se intensificou nos últimos anos, não só para dizer que esse foi o período de maior produção, mas como período onde de fato se começou a compilação de textos bíblicos.

Estudos arqueológicos recentes, no entanto, parecem colocar estas certezas em xeque. Baseado na extensão da cidade de Jerusalém no período persa, nos sítios ocupados no interior de Judá e na ausência de selos desse período tanto em Jerusalém quanto no interior, confirmam que Jerusalém do período persa está muito longe dos 150 mil habitantes que se estimava a partir da interpretação de fontes bíblicas (WEINBERG, 1992). Com base em dados arqueológicos toda a Província de Judá não tinha mais de 20 a 30 mil habitantes (CARTER, 1999) e Jerusalém não passava de 1250 a 1500 habitantes. Lipschits (2003) é um pouco mais otimista e estima que a Jerusalém persa devesse ter em torno de 1500 a 3000 habitantes. Israel Finkelstein, com uma análise mais apurada, baixou mais ainda esse número. Após o estudo detalhado da ocupação de Jerusalém e arredores durante o domínio

persa, concluiu que a “cidade” não tinha mais de 500 habitantes (FINKELSTEIN, 2010, p. 44). O que implica dizer que não havia mais de 100 homens em Jerusalém. Ou seja, a Província de Judá do período persa era governada a partir de um pequeno templo em uma cidade com dimensões de vila, sem muralha e sem grandes construções públicas. As muralhas a que se refere Ne 2-4 são do período hasmoneu. Toda Judá do período persa não tinha mais de 12 mil habitantes (FINKELSTEIN, 2010, p. 39-54). No final do período do Ferro II, século VII a. C., só a cidade de Jerusalém tinha esse número. Ou seja, Judá, com a capital Jerusalém, só chegou a ser grande no final do ferro II e no período hasmoneu. No período persa, Judá não passava de uma aldeia, sem fortificações.

Portanto, as conclusões da arqueologia colocam uma grande interrogação, não somente sobre teoria do retorno massivo de exilados da Babilônia, mas também sobre a teoria da grande quantidade de produção literária no período persa. Com isso, é preciso começar a rever a teoria que já há um longo tempo vem predominando de que o Pentateuco foi concluído ao redor do ano 400 a. C.

Pela arqueologia se percebe dois momentos de grande desenvolvimento em Jerusalém e Judá: O primeiro foi no final do VIII século e século VII, depois da queda da Samaria, em 720 a. C., e durante os reinados de Manassés (687-642) e de Josias (640-609). O segundo foi durante o período helenístico tardio, a partir de 165 a. C. Nesses dois períodos deveriam ser situadas as etapas de maior produção literária da Bíblia. Permanece ainda a incógnita sobre o que e o quanto se produziu na Babilônia.

CONCLUSÃO

A pesquisa arqueológica por um lado e a literária por outro têm contribuído para que se chegasse ao que apresentamos neste ensaio. Temos diante de nós novos paradigmas com os quais o futuro do estudo bíblico terá que lidar, principalmente no que tange à história de Israel e Judá. O fim da teoria da Monarquia Unida sob os reinados de Davi e Salomão já é fato consumado. No mesmo sentido caminha, como contrapartida ao arrefecimento de Judá, a grandeza de Israel Norte, que ainda está em processo de descobrimento, mas que já pode ser definida, com a dinastia omrída, como primeira grande monarquia em Israel. Essas conclusões têm a ver particularmente com as novas datações estabelecidas, principalmente a partir das pesquisas no sítio arqueológico de Meguido, fato esse que tem sido o maior triunfo da arqueologia nas últimas décadas. As novas datações abrem portas para outras mudanças, como é o caso compreensão do reinado de Saul, que tem sido pouco considerado na pesquisa, mas que provavelmente foi a primeira expressão histórica do que mais tarde viria

a ser Israel. Unicamente que o período histórico de sua existência terá de ser avançado quase um século. Sem a monarquia unida e sendo Israel originário do mundo cananeu, será preciso rever também a origem da tradição do Êxodo, não mais como produto do sul, mas do norte, como um movimento (da corte?) contra a presença e domínio egípcio. Outro paradigma que vem se firmando é o surgimento tardio da escrita em Israel e Judá, fato que implicará também na compilação tardia de textos bíblicos. E, por último, o “vazio arqueológico” do período persa, pesquisas ainda em seu início, mas que poderão exigir uma revisão ampla da concepção sobre a grande produção literária que teria acontecido nesse período.

ARCHAEOLOGY AND THE NEW BIBLICAL PARADIGMS

Abstract: Archaeology has contributed considerably to review and to reinterpret biblical paradigms established on the history of Israel, which had a strong incidence on literary research of the Bible. Examples are the tradition of the patriarchs and the conquest of Canaan. In recent decades the study of the Old Testament is having new changes, such as the case of the theory of the United Monarchy under the reigns of David and Solomon. The breakdown of these paradigms leads to other questions, typical of biblical research: solves one question and opens the door for others. These questions are: if there was no conquest, how to understand the tradition of Exodus? Comes it from Northern Israel (our proposal)? If so what about the walking through the desert, is it an independent tradition (our proposal)? If do not existed the United Monarchy, who held the historic void left by it? Do we must advance the chronology of the reign of Saul (our proposal)? What about Jerusalem's archaeological empty in the Persian period and its impact on biblical research? All of these questions and the answers have to do with the new dating established mainly from archaeological research of the site of Megiddo and coordinated by Israel Finkelstein. Have to do also with the conclusions that writings in Israel and Judah had a late development, conclusions oriented mainly from the writings found in Kuntillet Ajrud and Deir Alla. And finally, the great new paradigm: the discovery of North Israel's greatness as a counterpart to the “decrease” of Judah.

Keywords: *Bible. History. Archeology. Paradigm. Dating.*

Notas

- 1 Veja detalhes sobre as escavações em Tel Jezreel em Kaefer (2016).
- 2 Desse portão foram encontradas somente quatro câmaras. Porém, pelo estilo e pelo fato

- de que muitas pedras do sítio terem sido retiradas por moradores da região nas ocupações subsequentes, Ussishkin acredita que esse portão também se constituía de seis câmaras.
- 3 Maiores detalhes ver Kaefer (2015).
 - 4 É provável que a tradição de Jacó, mais antiga, tenha sido suplantada pela do Êxodo, mais tardia.
 - 5 A tradição da caminhada pelo deserto seria uma tradição tardia, originária do deserto do Sinai, e que só mais tarde teria sido anexada ao Êxodo (FINKESTEIN, 1999; NA'AMAN, 2012, p. 1-43).

Referências

- CARTER, C. E. The Emergence of Yehud in the Persian Period: a Social and Demographic Study. *JSOTSup*, Sheffield, v. 294, p. 190-205, 1999.
- FINKELSTEIN, I. Jerusalem in the Persian (and Early Hellenistic) Periodo and the Wall of Nehemiah. *JSOT*, Sheffield, v. 32, n. 4, p. 501-520, 2008.
- _____. *The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel*. Atlanta: SBL, 2013.
- _____. The Last Labayu: King Saul and the Expansion of the First North Israelite Territorial Entity. In: AMIT, Y.; BEN ZVI, E.; FINKELSTEIN, I.; LIPSCHITS, O. (Orgs.). *Essays on Ancient Israel in Its Near Eastern Context: A Tribute to Nadav Na'aman*. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2006. p. 171-187.
- _____. The Territorial Extend and Demography of Yehud/Judea in the Persian and Early Hellenistic Periods. *JHS*, Tel Aviv, v. 29, p. 39-54, 2010.
- _____; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: debating archaeology and the history of early Israel*. Atlanta: SBL, 2007.
- _____; PIASETZKY, E. *Khirbet Qeiyafa: Absolute Chronology*. Tel Aviv University, Tel Aviv, vol. 37, p. 84-88. 2010.
- _____; SILBERMAN, N. A. *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*. New York: The Free Press, 2006.
- _____. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.
- GARFINKEL, Y.; GANOR, S. *Khirbet Qeiyafa: The 2007-2008 Excavation seasons*. Israel Exploration Society, Jerusalém, v. 1, p. 39-54, 2009.
- _____. The Išba al Inscription from Khirbet Qeiyafa. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*. New Orleans, n. 373, p. 217-233, 2015.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a História de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- _____. A Estela de Dã. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 33-46, 2012.
- _____. *Arqueologia das Terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *Arqueologia das Terras da Bíblia II*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. O Êxodo como tradição de Israel Norte, sob a condução de El e Javé na forma de touro jovem. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 878-906, 2015.

_____. *Un Pueblo libre y sin reyes: la función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2006. (ABE/44)

LIPSCHITS, O. Demographic Changes in Judah between the Seventh and the Fifth Centuries. In: LIPSCHITS, O. e BLENKINSOPP, J. (Orgs.). *Judah and the Judeans in the New-Babylonian Period*, p. 323-376. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003.

MESHEL, Z.; CARMI, I.; SEGAL, D. 14C Dating of an Israelite biblical site at Kuntillet Ajrud. *RADIocAR9oN*, Jerusalém, v. 37, n. 2, p. 205-212, 1995.

NA'AMAN, Nadav. The Inscriptions of Kuntillet 'Ajrud through the Lens of Historical Research. *Ugarit-Forschungen*, Neukirchen, n. 43, p. 1-43, 2012.

USSISHKIN, D; WOODHEAD, J. *Excavations at Jezreel, 1990-1991: preliminary report*. Tel Aviv University, Tel Aviv, vol. 19, p. 3-56. 1992.